

Por Gabriela Barbosa de Souto



NIFFENEGGER, Audrey. **A mulher do viajante no tempo**, (tradução de Adalgisa Campos da Silva). Rio de Janeiro, Suma de Letras, 2009.

Henry: “Quando estou em outro tempo, me sinto pelo avesso, transformado numa versão desesperada de mim. Viro um ladrão, um andarilho, um bicho que corre e se esconde. Assusto velhas e assombro crianças. Sou um truque, uma ilusão da mais alta ordem. É incrível eu ser mesmo real.”

Henry DeTamble não é um homem comum. Ele sofre de um distúrbio genético raro e que provoca uma mudança em seu relógio biológico, fazendo com que ele viaje no tempo. Geralmente estimulado por momentos estressantes, Henry pode voltar ou avançar no tempo, para eventos emocionalmente marcantes da sua vida. Mas não se enganem, essa

não é uma história de cunho científico, é uma história de amor.

Em meio à instabilidade temporal de sua vida, que o acompanha desde os seus cinco anos de idade, ele revive vários fatos, de pontos de vista diferentes. Henry não tem controle sobre suas viagens, e seu encontro consigo acaba por ser recorrente, e por vezes isso é bom, já que a cada deslocamento ele tem uma idade diferente, precisando sempre se readaptar à sua própria existência.

E é durante essas viagens que Henry conhece Clare Abshire, o grande amor da sua vida. O eu futuro dele encontra sua mulher no passado, e uma relação intensa é construída por eles, com ele acompanhando todo o crescimento dela. Clare torna-se uma artista plástica, e, para ela o tempo transcorre naturalmente. Henry é um bibliotecário. Quando o seu eu presente encontra Clare, ele tem 28 anos, e ela 20. Unidos, tentam construir uma vida comum: ter filhos, amigos e um bom emprego. Mas nem tudo pode ser normal e o tempo é a maior de suas barreiras.

A mulher do viajante no tempo é uma história sensível sobre o amor. Com problemas muito além da própria condição humana, Henry e Clare convivem com o deslocamento temporal da melhor maneira possível, uma vez que passado, presente e futuro tornam-se um só. Sem o tom melodramático esperado de romances “românticos”, Audrey Niffenegger conseguiu construir uma narrativa envolvente e tocante em sua obra de estreia, tornando-se um

sucesso de vendas e ganhando uma adaptação para as telonas com o filme “Te amarei para sempre” (2009), dirigido por Robert Schwentke. Não deixe de conferir essa linda história, vale cada minuto de leitura.

Clare: “Há muito tempo os homens iam para o mar, enquanto as mulheres ficavam na praia, esperando e procurando o barquinho no horizonte. Agora espero Henry. Ele some sem querer, sem avisar. Espero. Tenho a sensação de que cada minuto é lento e transparente como vidro. A cada minuto que passa, vejo uma fila de infinitos minutos, à espera. Por que ele foi aonde não posso ir atrás?”.

Por Will Simões



OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

A criatividade é inata?, pode ser aprendida?, quais as etapas do processo criativo?!. Ao longo desta obra, a autora, artista plástica Fayga Ostrower (1920-2001) polonesa naturalizada brasileira, responde estas e outras questões a medida que desconstrói mitos do senso comum, rompe paradigmas aceitos e lança uma luz esclarecedora sobre o tema criatividade e processos de criação.

Fruto de anos de ensino acadêmico, e também da vasta experiência artística pessoal, esta obra faz parte de um conjunto de obras da autora que abordam questões relevantes dentro das artes visuais.

Trata-se de um clássico indispensável no assunto para quem quer se aprofundar de forma acadêmica ou pessoal para seu crescimento artístico.

Para conhecer mais sobre esta obra: <http://www.faygaostrower.org.br/livro3.php>

Sobre a autora: <http://www.faygaostrower.org.br/artista.php>